1.º anno | Lisboa, 3 de novembro de 1884 | Numero 19

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; D. G Torresão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

CHRONICA

A Judie?
A Judie, sim! Pois podera?

Si cette histoire vous amuse
Nous allons la recommencer

Ainda mesmo que eu quizesse fallar-te d'outra coisa, não podia. Em frente da Judie tudo empallidece, tudo: o addiamento das côrtes constituintes, as reformas da carta e da milicia, a reabertura de S. Carlos, a risonha promessa de que vem a Sembrich, e a promessa incomparavelmente mais risonha de que se vae a Wiziask.

Ha bons oito dias que não ouço em Lisboa outro nome, outra musica, que não seja a d'aquellas duas vogaes e tres consoantes harmonicamente enlaçadas.

Se vou jantar ao *Braganza*, dão-me empadas á Judie. Se compro luvas no Baron, perguntam-me logo se as quero á Judie. O Pedro Moreira do 103 annuncia brincos á Judie; poetas polvilham-n'a d'acrosticos; os maestrinos dedicam-lhe valsas; nos cartazes, pelas esquinas, apparece o seu nome estonteador gravado em lettras de ouro de palmo e meio.

O sapateiro calça-nos á Judie, e se o alfaiate não desandou ainda em vestir-nos á *diva*, é simplesmente pela rasão de que ella não usa calças masculinas e rabona curta.

Ora n'este delirio de Judie, n'esta febre de *Lili* que ataca todas as familias e esvazia todas as bolsas, no meio d'este enthusiasmo doido que a *Nitouche* produz e que se gera durante a audição d'umas canções provençaes deliciosas, é claro que eu não podia decentemente, airosamente esquivar-me ao imperioso dever de repetir mais uma vez aquelle nome festejado, pondo aos pés *mignons* da deusa do *vaudeville* todas as flores que a adjectivação das chronicas póde ainda consagrar-lhe.

AS FESTINHAS DA NETA (Quadro de F. Kentel)

Tu, que viste a Judie, leitora amiga, comprehenderás bem que ella vale todas estas homenagens e muitas mais, pelo seu talento extraordinario e pelas estranhas fulgurações da sua belleza peregrina.

Houve quem lhe negasse o genio. N'esta Parvonia microscopica, onde os imbecis conquistam fóros de sabios, e qualquer Maria Francisca nos apparece feita actriz, em 24 horas, — *dans l'espace d'un matin*,—vimos quem lhe agourasse fiascos tremendos, quem lhe personisasse quedas desastrosas.

A critica indigena tem d'estas incongruencias, d'estas pequeninas subtilezas ridiculas; d'estes assomos auctoritarios parvoinhos.

—Que fôra feita pelo *Figaro* em reclamos estupendos, dizia um.

—Que fascinava mais pela plastica de que pelo engenho artistico, rosnava outro.

Muitos d'estes criticos emeritos arriscavam a sua opinião pedante, sem terem visto ainda a actriz. Alguns d'elles, mais *conscienciosos*, tinham-na visto e ouvido, mas... não a entenderam.

E ahi está como entre nós se escreve a historia!

Afinal a Judic é um portento, um verdadeiro portento que excedeu muito a nossa espectativa, uma d'aquellas creaturas previlegiadas, em cujo cerebro Deus accendeu a luminosa scentelha do genio.

Não é debalde que a imprensa de Paris desfolha, diante da rainha do *couplet*, os seus ramilhetes mais perfumados. Não foi, de certo, por simples reclamo banal, que um poeta francez lhe consagrou este formosissimo soneto faiscante de espirito:

Le premier jour, l'Être Suprême,
A dit:—que Judic soit, je le veux;
Et Judic fut Le deuxième
Il fit son sourire joyeux.

Les jours suivants il fit de même,
La voix, son charme, ses grands yeux.
Puis il s'avoua le sixième,
Que jamais il n'avait fait mieux.

Le septième, las des louanges,
Que lui récitaient les archanges,
Enviant le sort du public.

Il vient sur le globe terrestre.
Et prit un bon fauteuil d'orchestre.
Pour entendre chanter Judic.

Nós fizemos como o Ente Supremo fanthasiado pelo poeta, e fomos ouvir Judic, n'um *fauteuil d'orchestre* da Trindade.

Na primeira noite.—a da *Lili*,—pairava pela sala uma frieza de fazer constipações. Um *lever de rideau* estopante pozera mal humorada a litteratura, o mundo do *sport*, a elegancia da aristocracia feminina distribuida pelos camarotes, entre montões de rendas de Bruxellas e diamantes de Golconda.

Impressionára desagradavelmente a platéa o modo de vestir desastrado dos francezes e a falta de *coquetterie* das francezas, n'aquella pequenina comedia d'abrir, feita sem espirito e representada sem arte.

Por fim appareceu a Lili. Fez-se um silencio respeitoso. A fascinadora belleza da mulher impoz-se primeiro, uma belleza correcta e cheia de frescura, que o excesso de carnes não prejudica. Depois impozeram-se-nos os extraordinarios encantos da actriz. A frieza, que principiára a dissipar-se ante as faiscações diamantinas do seu olhar quente e velludoso, desappareceu por completo, quando a sonhadora Lili empunhou a trombeta e gorgeiou as primeiras *chansonnettes* provocadoras

Que differença da Chaumont nos sons crystalinos d'aquella voz pequenina mas dulcissima, na delicadeza das *nuances*, na finura das intenções, no *detailler* dos *couplets*, em tudo!

Céline, para ser accentuadamente *canaille*, tinha a voz roufenha das *boulevardières* de peior estofa, que se embriagam todas as noites com Champagne Clicot nos gabinetes reservados dos *restaurants*. Judic não. O seu timbre tem a sonoridade purissima do crystal, a transparencia das pedras preciosas: não fere o ouvido, acaricia-o como uma ballada napolitana, afaga-o como se fosse um cantico celeste.

Depois da *Lili*, *a Femme à Papa* com as suas gaiatices deliciosas, com as bellas *coplas do major*, com os lindissimos *couplets Bras dessus b as dessous*, com aquella pontinha d'embriguez do 2.º acto, e aquellas gargalhadas vibrantes produzidas pelo estonteamento do alcool...

Na terceira noite *Mam'zelle Nitouche*. Um delirio!

Judic apparece-nos, no primeiro acto, como educanda do convento *des Hirondelles*, tocando harpa e cantando um *Alleluia*.

Depois da trombeta da *Lili*, a harpa de *Nitouche*.

Os paes da bella educanda, vendo que ella attingiu a edade do casamento, reclamam a filha á superiora, para lhe darem por marido o visconde de Champlâtreux. A superiora confia *Nitouche* ao organista Celestino, encarregando este de a levar á familia.

Antes de conduzir a deliciosa pensionista ao lar paterno, o mentor vae com ella aos bastidores do theatro de Pontarcy, onde deseja abraçar, de passagem, a ingenua da peça, sua antiga conhecida. O protector da actriz surprehende Celestino em flagrante delicto com a *estrella* e applica-lhe uma correcção forte. Aquella, apercebendo-se de que o seu bem amado acompanha outra mulher (Nitouche), faz scena de ciumes e desapparece do theatro.

A pensionista salva a situação, prestando-se a desempenhar, por obsequio, o papel da fugitiva. O successo que alcança é enorme. No intervallo os officiaes da guarnição de Pontarcy veem ao palco felicitar Nitouche, e entre elles o visconde de Champlâtreux, que está longe de ver n'esta *diva* da ultima hora a sua futura esposa.

No terceiro acto o organista e a educanda vão partir para Paris: uma patrulha prende-os e leva-os ao posto de policia...

Dispensa-me de te contar o resto. Judic apparece-nos ainda, vestindo o uniforme de dragão, e no ultimo acto desposa Champlatreux.

O triumpho alcançado pela grande artistica n'esta bella comedia de Meilhac e Millaud, bordada de pequeninas melodias de Hervé, como todas as peças do seu bello repertorio, foi colossal.

Em seguida á *Nitouche* a *Niniche*.

Quem não gozou a innebriante ventura de admiral-a n'esta ultima creação, pode dizer com afouteza que ainda não vio senão simples arremedos do engraçado *vaudeville*.

Que voz, que gestos, que encanto de formas, que seducção nos olhares, que esplendor de *toilettes*!

Eu não sei se Judic nos deliciará com mais algumas recitas: é provavel que sim.

Se o fizer, a minha chronica subsequente será ainda para ella, como para ella são hoje todos os pensamentos d'um povo inteiro, assombrado pelas scintillações d'aquelle talento phenomenal.

C. DANTAS.

QUINZE DIAS NA HOLLANDA

I

Ha coincidencias curiosas. Seguramente passaram-se dois seculos sem que um só Portuguez pensasse na Hollanda, a não ser para a descompôr, como fez Filinto Elysio, que era da opinião de Voltaire. Esteve lá com Antonio de Araujo, e nunca se poude consolar de lá ter estado. Descrever a sua existencia, o seu paiz, os seus costumes? Isso sim! Eram uns comedores de batatas, e nada mais. N'isto se resumia, para Filinto Elysio, a comprehensão do caracter hollandez.

Nunca mais se pensou na Hollanda, nunca mais se escreveu a respeito d'esse paiz. Pois de repente, em 1884, desatam os escriptores portuguezes a ir ao paiz dos canaes, e a escrever largamente, a respeito d'elle; e no mesmo momento em que apparecem na *Gazeta de Noticias* as esplendidas cartas de Ramalho Ortigão, publica-se em Lisboa um livro interessantissimo de Cunha Bellem, intitulado *Quinze dias na Hollanda*.

Cunha Bellem esteve na Hollanda em 1879, indo assistir em Amsterdam a um congresso medico ali realisado, como um dos representantes da sciencia portugueza, não digo bem, como meio representante da sciencia portugueza; o outro meio representante era o dr. Guilherme Ennes, e todos sabem que estes dois medicos distinctissimos constituem uma só individualidade, uma firma social. São o Capello e Ivens da medicina. Teem representado Portugal em varios congressos de medicina e hygiene, sempre unidos, sempre conglobados n'uma só entidade. Cunha Bellem, quando escreve, tem muito o costume de adoptar a formula jornalistica do *nós*. Perdeu o costume de dizer *eu*, e o mesmo acontece pela sua parte ao dr. Ennes.

Foram, pois, os dois inseparaveis ao congresso medico de Amsterdam, e Cunha Bellem conta-nos com muita *verve* as scenas sempre divertidas de um d'estes congressos, que estão muito em moda no nosso tempo, que servem effectivamente para apertar os laços que ligam ou devem ligar entre si os homens de sciencia de todas as nações, mas em que a propria sciencia não avança, parece-me, um passo só que seja. Os congressistas habitualmente vão a estas grandes reuniões para se divertir. Agora estas festas já começam a entrar um pouco no regimen do *cliché*: Reuniões solemnes com os competentes discursos, jantares offerecidos pelas municipalidades, passeios fluviaes quando ha rio, excursões aos bonitos arredores quando ha arredores bonitos, recitas em honra do congresso nos differentes theatros, etc, etc., etc.

O congresso de Amsterdam não se affastou, segundo Cunha Bellem nos conta, d'estas phases sacramentaes. O passeio fluvial foi substituido por um passeio nos canaes, por entre os verdejantes prados hollandezes mais baixos do que as aguas, onde pastam as vaccas de Paulo Potter, e que são defendidos por esses diques collossaes, verdadeiras maravilhas do engenho humano, e onde ha constantemente engenheiros de sentinella. Esses engenheiros teem verdadeiramente a Hollanda na sua mão. Se se descuidam por um momento, se deixam que as aguas façam uma brecha no dique, muito boas noites, foi-se embora a Hollanda.

Ahi estão uns sujeitos com quem a patria não pode ser ingrata. Ao mais pequeno symptoma de ingratidão, os engenheiros abrem a torneira e vai-se embora a patria.

A excursão nos arredores foi um passeio a Scheveningue, formosa praia do mar do Norte, que não fica longe de Amsterdam. Debalde se procurariam effectivamente, na Hollanda, bellezas pittorescas como as de Cintra, bellezas que são inseparaveis do terreno accidentado, que na Hollanda é completamente desconhecido. O caracteristico das paisagens d'este paiz é a sua serie interminavel de planicies, e uma ausencia tão completa de montes e de elevações de qualquer especie, que, segundo diz com graça Cunha Bellem, uma das coisas de que mais se gloria Leyde, a famosa cidade universitaria, é de possuir um monticulo, que não excede em altura o adro da egreja do Loreto, mas a que se chama *collina*, para justificar a inserção d'este termo no Diccionario da lingua nacional.

As recitas em honra dos congressistas tiveram a especialidade de ser em parte allusivas ao acontecimento que se celebrava. Lendo o curioso livro de Cunha Bellem, parece que voltamos ao tempo dos autos de Gil Vicente, em que entravam dois pastores discursando na sua linguagem rustica sobre assumptos da sua profissão, e fazendo muitas conjecturas comicas sobre os motivos de umas festas e de umas alegrias extraordinarias que elles não comprehendiam. Chegava depois terceiro pastor, que lhes dizia que todas essas festas eram celebradas em honra da rainha D. Maria ou D. Leonor, esposa do alto e poderoso rei D. Manuel, que acabava de dar mais um filho a esse soberano, filho que havia de ser o sustentaculo da patria, e o dilatador da fé, etc. E depois iam os tres pastores, cantando e bailando, offerecer os seus presentes e as suas homenagens á alludida rainha, que assistia á representação e assim acabava o auto.

Ora oiçam a narrativa do enredo de uma das peças representadas diante dos congressistas, e digam depois se não parece que se está assistindo a um auto de Gil Vicente.

«O entrecho da comedia, escreve Cunha Bellem, é apenas o episodio de um casamento de camponezes, entremeiado com as danças do paiz. D'aquella vez, porém, era preciso enxertar uma referencia ao congresso, e d'esse encargo se saiu brilhantemente o poeta encarregado d'elle.

«O pae da noiva dá á mulher dinheiro para as compras do mercado, e elle vae á cidade, e volta carregado de medicamentos e drogas medicinaes. O marido admira-se e reprehende a noiva, a qual replica haver-lhe constado que na cidade estavam quatrocentos medicos, o que era signal de que terriveis molestias iam assolar a nação, e que elle se fornecera de artigos de pharmacia, que, em breve, na urgencia, vendidos por muito maior preço, fariam a sua fortuna. O marido explica que os medicos veem honrar a Hollanda, cultivar a sciencia, ensinar e aprender os meios de preservar a saude dos povos, fazer a felicidade e não a desgraça da cidade, e assim, elogiado o congresso e tranquillisado o espirito da timorata esposa, prosegue a festa, com as danças do paiz, cahindo o panno entre os applausos dos espectadores, que, os que entendiam hollandez, riam a bandeiras despregadas com as facecias do enxerto.»

O mais curioso de tudo, porém, foi um quadro vivo, imitação de um quadro que existe na Academia de Medicina de Paris, e que representa a apotheose de Ambrosio Paré, o celebre cirurgião inventor da laqueação das arterias. O quadro vivo de Amsterdam representava a apotheose do dr. Lister, que se achava presente, e que é inventor do penso anti-septico pelo acido phenico. Depois seguiu-se outro quadro vivo, imitação ainda de um quadro celebre—*A lição de anatomia* de Rembrandt. As figuras todas do quadro eram representadas por figuras femininas, prestando-se assim homenagem ás duas senhoras medicas que assistiam ás sessões do congresso.

Imaginamos a cara com que deviam estar as victimas d'essas apotheoses!

Cunha Bellem ouviu tambem, em Amsterdam, a grande actriz hollandeza Josephina de Groot, que, ao que parece, não está muito á altura da sua reputação, mas que, se não é uma tragica de primeira ordem, pelo menos é uma polyglotta de mão cheia, porque representou n'essa noite em francez e em italiano, e nada menos que Racine, Coppée e Alfieri!

Resta fallar dos jantares. Conserva d'elles Cunha Bellem uma triste recordação, por causa da implacavel compota que acompanha, nos *menus* hollandezes, todos os pratos, desde o principio até ao fim. *Solatium est miseris!*... Ha muitos annos tive occasião de jantar a bordo de um navio de guerra hollandez. Serviam-me um prato de carne acerejadinha e deliciosa, com que tencionava regalar-me. Logo atraz apparecia um marinheiro branco, rosado e de candido olhar, que offerecia um molho de seductor apparencia. Tirava eu ingenuamente uma colher, que deitava na carne, e... horror! Era calda doce de compota de maçãs!

Quando li as queixas de Cunha Bellem, recordei-me logo do meu jantar a bordo. No mar ou em terra os molhos hollandezes são egualmente assucarados.

N'um outro artigo occupar-nos-hemos mais especialmente, guiando-nos pelo excellente livro do dr. Cunha Bellem, da Hollanda e da vida hollandeza.

PINHEIRO CHAGAS.

VERSOS A UMA GATA

(A MADEMOISELLE JEANNETTE)

O seu pello é mui branco e faz lembrar-me o leite,
—Não ha brancura assim como a brancura d'ella,—
Que esplendido animal de extraordinario enfeite,
Branco, tão branco assim como a epiderme d'Ella...

Seus olhos verdes são estranhas maravilhas,
Não ha verdura assim tão lucida e singella,
Seus olhos grandes são como duas ervilhas,
Verdes, tão verdes como os grandes olhos d'Ella...

Que elastica esculptura, electrica e suave
Que curva sensual e agil como uma péla,
Branda, *coquette*, viva,—é como um vôo d'ave,—
Elastica, repitto, e elastica como Ella...

Suas mãos como são tão mansas e pequenas,
Brancas como o marfim—que pequenez aquella!—
Não ha brancura igual a das suas mãos serenas,
Curtas, tão curtas como as mãos pequenas d'Ella...

Tem a cabeça curta e dulcida e redonda,
Altiva e firme como alguem que se rebella,
Branca que faz lembrar a espuma d'uma onda
Onda que faz lembrar a crespa trança d'ella...

Os seus affagos são recurvos, circumflexos,
Têm uns languidos tons de canticos de cella,
Affagos tão subtis, estranhos e complexos
Longos, fortes, subtis, como os affagos d'Ella...

Que fidalga attitude, a *pose* nobre e o orgulho,
Quando assoma de manso ás grades da janella,
Como se encosta e olha o bello ceu de Julho,
Nobre, orgulhosa, como o nobre orgulho d'Ella...

Os seus perfumes tem vagos aromas quentes,
D'uma volupia nova, estranhamente bella,
Perfumes fortes como os sonhos mais ardentes,
Quentes, tão quentes como os bons perfumes d'Ella...

E—gata!—move a cauda a soluçar ron-rons,
Geme zangas e entorna o leite da tijella,
Estende-se e apparece a reclamar bon-bons,
—Tem caprichos crueis, como os caprichos d'Ella...

E como sabe estar na alcatifa vermelha,
E no tapete que é um trecho d'aquarella,
Como a aza oiro e sol d'uma irrequieta abelha,
Sabe mover-se e estar movendo-se como Ella...

E a *poser* na *causeuse* enrosca-se,—a serpente!
Voluptuosa—eu sei!—olhando-lhe a chinella,
Lubrica de ferir e allucinar a gente,
—A chinella seria eu e eu seria d'Ella...

IGNACIO DA SILVA.

AS NOSSAS GRAVURAS

AS FESTINHAS DA NETA

Umas festas interesseiras, aquellas, que levam agua no bico e intençãosinha muito reservada.

Não soube a lição, a mandriona da neta, e a boa da avó pretendeu ralhar-lhe, teve ainda uns ares severos, umas phrases de censura adequadas ás circumstancias.

A pequena, que já conhece aquellas trovoadas de maio e que sabe o meio de as dissipar n'um prompto, desentranhou-se em *bichinhas-gatas* na face encarquilhada da santa velhota.

D'ali a firmarem-se as pazes não tardaram dois minutos. A avósinha, duas vezes mãe, perdoou a cabulice da mandriona rebelde, fechou o livro e deixou-se enfeitiçar pelas festas capciosas do *bébé* endiabrado.

Emquanto o mundo fôr mundo, as avós hão de ser sempre assim!

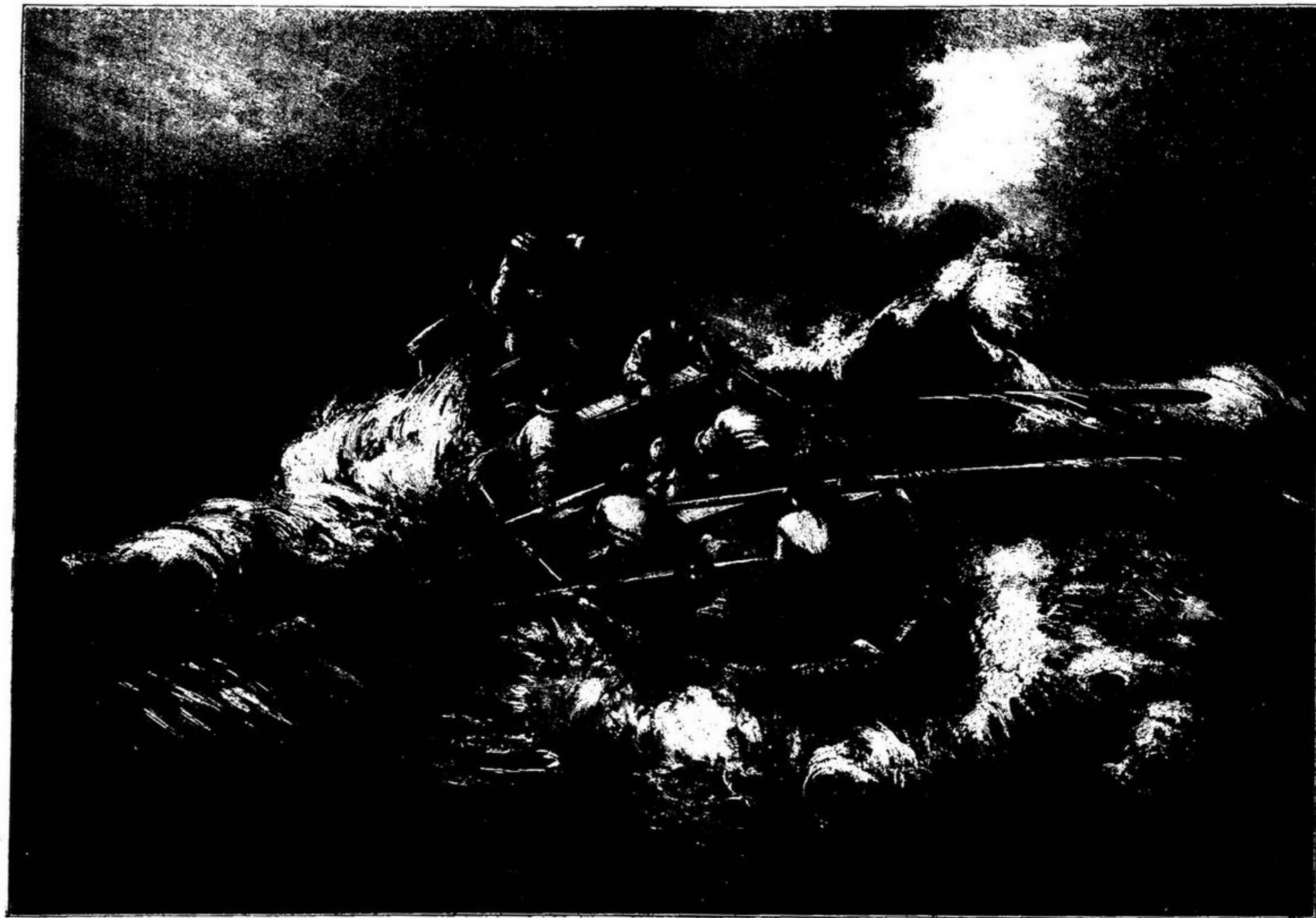
Á PORTARIA DO CONVENTO

Não são aquellas creancinhas esfaimadas e aquelles velhos decrepidos e encanecidos que hoje despertam as attenções do frade, ao distribuir equitativamente, pela pobreza do sitio, as fartas fatias do pão conventual.

Conhece desde longo tempo todas aquellas caras; sabe de cór as historias dos seus infortunios.

O que hoje lhe attrahe o olhar compadecido é o rosto macerado e pallido d'uma pobre viuva, uma desventurada rapariga, que fôra alegre, formosissima e feliz, mas que a falta prematura do

Á PORTARIA DO CONVENTO (Quadro de H. Burkhardt)

A ESTUDANTINA

OS NAUFRAGOS (Quadro de J. Hilverdink)

marido, um trabalhador honesto, reduziu á mais negra e desoladora miseria.

A desgraçada quasi que nem tem alento para balbuciar a supplica d'um pedaço de pão. A fome prostra-a e a tristeza vae-lhe roubando as forças pouco a pouco.

Sympathica desventura aquella!

OS NAUFRAGOS

Simplesmente horrivel, mesmo em quadro, aquella scena d'angustias passada entre ceu e mar, muito longe d'uma praia abordavel, distante de qualquer porto seguro, que dê abrigo aos infelizes batalhadores do oceano revolto.

O navio, em que seguiam o seu rumo, fôra a pique. Salvaram-se a custo do primeiro perigo, e affrontam agora outro não menos grande, vogando, á mercê das ondas, n'aquelles dois pedaços de taboa que os vagalhões espumantes irão desfazer talvez.

Por ora ainda teem governo e ainda lhes resta uma esperança. Depois, o leme quebra-se em estilhaços, a fadiga traz o desanimo, e após o desanimo vem a morte horrivel e fria, sem orações nem bençãos!

Tem d'estas traiçõesinhas o mar. Desconfiemos sempre d'elle

A ESTUDIANTINA

Andam na bella vida airada, afagando com os sons das suas bandurrias os ouvidos das *manolas* sorridentes, que lhes pagam as harmonias em amor.

O que elles menos fazem é estudar, os patifes.

Emfim, pode ser que estudem musicalmente os corações das suas gentis compatriotas... pode ser. .

O MONUMENTO DO BUSSACO

Este modesto obelisco de simples architectura, mas construido solidamente, com peças de grandes dimensões, na serra do Bussaco, levantou-se em commemoração das acções praticadas pelo exercito luso-britannico nas campanhas de 1808 a 1814.

O monumento mede 15 metros e meio d'altura: é inferiormente cercado por oito peças de artilheria, em quadrado, prezas por cadeias de ferro, e fica no centro d'uma vasta plataforma cortada na serra. Remata-o uma estrella de crystal, formada de 12 faces pentagonaes, e tendo 1 metro de diametro.

Pyramide e pedestal são de lioz, das nossas pedreiras de Pero Pinheiro. A estrella fundiu-se na fabrica de vidros da Marinha Grande.

Este monumento foi mandado erigir pelo ministerio da guerra, nascendo a idéa da sua construcção em 1862.

D.

UM CONSELHO POR SEMANA

(RECEITA PARA DESTRUIR AS VERRUGAS)

Tome-se uma cebola branca, das maiores, e pratique-se-lhe um furo no meio, tendo o cuidado de não a atravessar de lado a lado.

Encha-se a cavidade de sal, e deixe-se derreter este por si

Basta friccionar, pela manhã e á noite, as verrugas, com a cebola assim preparada, para que ellas desappareçam ao cabo de alguns dias.

Este processo não apresenta o inconveniente do emprego d'acidos corrosivos.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

M. DE C. — *C'est selon.* Se o romance fôr pequeno e bem feito, pode v. ex.ª envial-o, guardando o incognito, assignando, empregando um pseudonymo, como lhe aprouver. Se não satisfizer aquelles dois quesitos, então melhor será não vir a lume.

TERENCIO ELEUTHERIO. — Effectivamente é caso para se dizer: — *non licet.*

Os versos alexandrinos são difficeis de fazer e devem dividir-se em dois hemistichios de seis sylabas cada um. Os do seu soneto affastam-se das regras, e tanto, que não podem ser publicados.

Ahi vae um verso para amostra:

«Os seus olhos são limpidos como os idyllios»

Francamente é pena que este e outros estejam incorrectissimos, porque o terceto final do soneto é bom.

Faça nova tentativa, e nós cá estamos.

D. J. R. LOBATO. — Terão a sua vez.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Este appellido na musica é exclamação—1—1.

Este elemento bebe-se a andar—1—1.

Esta flor e esta mulher é uma mulher—2—2.

Este espaço de tempo corre todos os dias—2—2.

Na musica esta cidade tem agua—1—2.

INDISCRETO.

Adoro esta mulher carinhosa—2—2.

Anda coberto d'agua o mar alto—1—2.

Este tecido transporta-se d'Angola—1—2.

No mar anda este licor—3—1.

F. L. MÉGA.

A primeira diz Virgilio ser verdade e agradavel—2—2.

Na Italia causa dó este instrumento—2—1.

Faz a charrua e mortifica o homem—2—1.

Leiria. M. MONTEIRO JUNIOR.

ELECTRICAS

A's direitas ou ás avêssas é mulher—2.

A's direitas ou ás avêssas dão-se e levam-se—3.

A's direitas e ás avêssas no chapeu—2.

A. MARIA DO REGO.

Ajuda.

EM VERSO

Tambem é lã d'animal—2
Que vive ermo e abandonado—1
Na tua frente, leitor,
Tudo está já designado.

Já te dei bem o conceito,
Só te resta decifrares.
É facilima a charada
Se para mim reparares.

Famalicão. J. DIAS VELLOSO.

É adverbio o meu nome—1
N'um jogo tu me verás—2
E procedendo com tino
Um logar santo acharás.

FLORENCIO FERREIRA (FILHO).

PROBLEMATICAS

5+2×3+5—8+1—9 junto ao mez das 4 lettras causa dó a quem vê.

Valença. LUIZ DIAS.

Pedra fina—a+o=flor=5.

Monchique. J. ANTONIO DA CUNHA.

EM QUADRO

. . . . Temor
. . . . Sobrenome d'Esaú
. . . . Abrigo
. . . . Califa, primo de Mahomet.

Redondo. COSTA.

ENIGMA

Cinco letras me compõem,
Duas sylabas formando.
Em nada me agrada o todo
Mesmo que seja brincando.

A's direitas ou ás vêssas
Sempre o mesmo se ha de ler.
Se quizeres exp'rimenta,
Far-te-hão talvez doer.

Ajuda. A. MARIA DO REGO.

LOGOGRIPHO

(Ao Pequeno Antoninho)

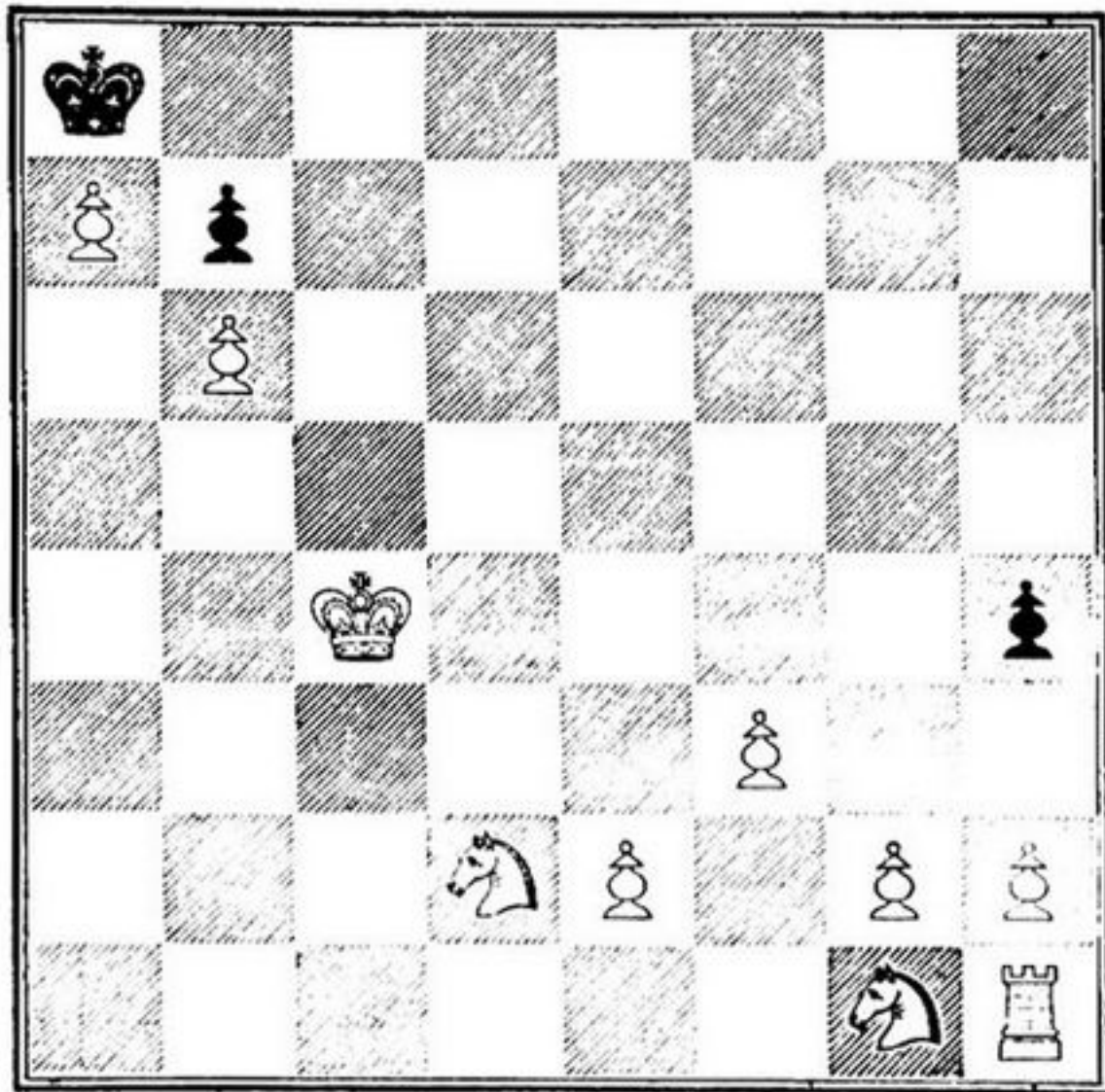
Eis aqui uma medida—1—5—7
Que da China é um metal—3—7—6—2—1
Sendo fructa conhecida—6—2—1—7
E' com certeza animal—3—4—7—3—7—6

«Se vir's a mulher perdida,
Não a trates com desdem;
Porque Deus tambem castiga
Não diz quando, nem a quem».

Monchique. J. ANTONIO DA CUNHA.

XADREZ

PROBLEMA N.º 16

NEGROS

BRANCOS

Os brancos jogam e dão mate em quatro movimentos.

PROBLEMA

Supponho um quadrado dividido em 25 quadrados menores, dispor n'estes os 25 primeiros numeros inteiros, de modo que, sommando-os horisontal e verticalmente, ou segundo as duas diagonaes do quadrado, se obtenha um valor constante.

MORAES D'ALMEIDA

DECIFRAÇÕES

Das charadas:

1.ª—Manoel.
2.ª—Bastonada.
3.ª—Relinga.
4.ª—Heliometro.
5.ª—Napoleão.
6.ª—Bisneto.
7.ª—Limonada.
8.ª—Caparica.
9.ª—Ave-Maria.
10.ª—Carocha.
11.ª—Marselha.
12.ª—Arara.
13.ª—Aias.
14.ª—Rosasolis.
15.ª—Calvario.

16.ª—
M i r a
I r u n
R u n a
A n a z

17.ª—
M a r i a
a m o r
r o l
i r
a

Das adivinhas populares:

1.ª—Ouriço.
2.ª—Pinhão.

Do logogripho: Beldroegas.

Xadrez—Solução do 15.º problema:

1.ª

BRANCOS	NEGROS
1. T. toma P. C. R.	1. D. toma T.
2. D. toma P. T. R. (cheque)	2. R. casa C. ou R. 2 T. R.
3. D. toma D. (cheque e mate)	

2.ª

BRANCOS	NEGROS
1. T. toma P. C. R.	1. D. casa B. R.
2. D. toma P. T. R. (cheque)	2. R. 2 T. R.
3. D. toma B. (cheque e mate)	

3.ª

BRANCOS	NEGROS
1. T. toma P. C. R.	1. D. 3 R.
2. T. 8 C. R. (cheque)	2. R. 2 T. R.
3. T. 7 C. R. (cheque e mate)	

A RIR

Uma definição do amor:
Em arithmetica, um e um fazem dois.
Em amor, um e um fazem um.
No casamento, um e um fazem... tres.

UM DOMINÓ.

CARTA ACHADA NA ALGIBEIRA DE UM AFOGADO

Pergunta-me, minha senhora, se estou zombando? Duvida que possa existir na terra um homem inaccessivel ao amor? Pois bem, esse homem sou eu!

De que provém isto? Não sei! Nunca experimentei essa especie de embriaguez de coração, que se chama amor! Nunca vivi n'esse sonho, n'essa exaltação, n'essa loucura em que nos lança a imagem de uma mulher: nunca fui perseguido pela espectativa ou pela posse de um ente que, de repente, se nos afigurasse mais desejavel do que todas as felicidades, mais bello do que todas as creaturas, mais importante do que todos os universos! Não chorei, nem soffri por nenhuma mulher. Nunca passei a noite, de olhos abertos, pensando *n'ella*. Ignoro o que seja o accordar, illuminado pela reverberação de um olhar querido. Desconheço a divina languidez da esperança, que precede a chegada, e a melancolia da saudade, quando *ella* foge, deixando no quarto um vago aroma de violetas e beijos.

Nunca amei!

Creio que analyso demais as mulheres para poder sentir a attracção dos seus encantos.

Ha em todas as creaturas o ente moral e o ente phisico. Para amar, ser-me-hia necessario encontrar n'esses dois entes uma harmonia, que nunca achei.

A intelligencia que temos direito de exigir a uma mulher, para amal-a, nada offerece de commum com a intelligencia viril. E' mais e é menos. E' preciso que uma mulher tenha o espirito delicado, sensivel, fino, impressionavel. Ella não necessita de vigor e iniciativa no pensamento: mas é preciso que haja no seu organismo bondade, elegancia, ternura, *coquetterie*, e essa faculdade de assimilação que a torna igual, em pouco tempo, áquelle que partilha a sua vida. A sua principal qualidade deve ser o tacto, esse sentido vibratil que é para o espirito o que o contacto é para o corpo. Revela mil cousas subtis, os contornos, os angulos e as formas na ordem intellectual.

As mulheres bonitas nem sempre possuem uma intelligencia em relação com a sua pessoa.

O menor defeito de concordancia impressiona-me e afasta-me.

Na amisade, o facto não tem importancia. A amisade é um pacto, onde se faz a partilha dos defeitos e qualidades. Pode-se julgar um amigo e uma amiga, levar em linha de conta as suas qualidades, desprezar os seus defeitos e apreciar exactamente o seu valor, experimentando-se uma sympathia intima, profunda e encantadora.

Para amar é preciso ser cego, entregar-se inteiramente, não ver nada, não reflexionar, não comprehender. E' mister poder adorar as fraquezas, tanto como as bellezas, e renunciar ao bom senso e á perspicacia.

Sou insusceptivel de experimentar esta cegueira.

Ainda não é tudo.

Tenho, com respeito á harmonia, uma idéa tão elevada e subtil, que cousa alguma poderá realisar o meu ideal.

Uma mulher, na minha opinião, pode possuir uma alma deliciosa e um corpo encantador, sem que esse corpo e essa alma se associem. Quero eu dizer que as pessoas que teem o nariz de um certo feitio, não devem pensar de certa maneira.

Os gordos não teem direito de se servir das mesmas palavras do que os magros. V.ª ex.ª, minha senhora, que tem os olhos azues, não póde encarar a existencia e os acontecimentos, como se tivesse os olhos pretos. As *nunces* do seu olhar devem corresponder fatalmente ás côres do seu pensamento.

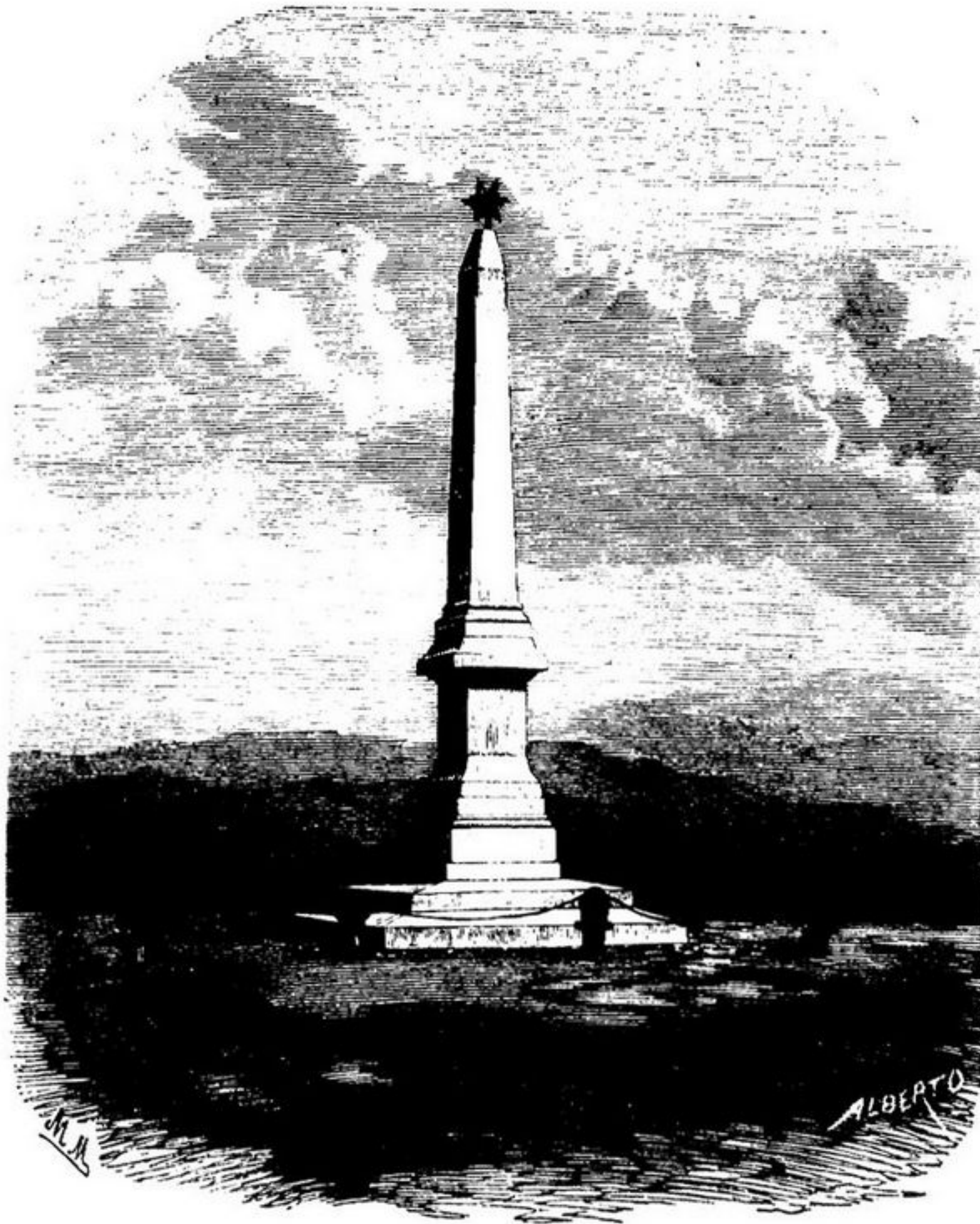
E entretanto, julguei amar durante uma hora, um dia. Cedi totalmente á influencia das circumstancias. Deixei-me seduzir pela miragem de uma aurora.

Quer que eu lhe conte essa breve historia?

*

Encontrei um dia uma mulher bonita e exaltada, que quiz, por uma fantasia poetica, passar uma noite commigo em um barco, no rio.

Era no mez de junho. Escolhemos uma noite de luar.

Jantámos em um restaurant; depois ás, 10 horas, embarcámos; eu peguei nos remos e partimos. E' forçoso confessar que o espectaculo era arrebatador! O encanto suave das noites tepidas e dos rios luminosos, esmaltados pelo luar, absorvia-nos. A vida parecia-me um bom sonho, e sentia-me feliz, tendo junto de mim uma mulher moça, enternecida e formosa.

O MONUMENTO DO BUSSACO

Eu estava um pouco commovido, perturbado e inebriado pela claridade opalina do luar e pelo aspecto da minha companheira.

«Assente-se junto de mim», disse-me ella.

Obedeci.

«Diga-me versos», acrescentou.

Achei demasiado; recuzei; ella insistiu. Queria, evidentemente, toda a grande symphonia do sentimentalismo, desde a Lua até á Rima. Afinal cedi, e recitei-lhe, por escarneo, as deliciosas estrophes de Luiz Bouilhet:

> Je déteste surtout ce barde à l'œil humide
> Qui regarde une étoile en murmurant un nom
> Et pour qui la nature immense serait vide,
> S'il ne portait en croupe ou Lisette ou Ninon.
>
> Ces gens-là sont charmants qui se donnent la peine,
> Afin qu'on s'intéresse à ce pauvre univers,
> D'attacher des jupons aux arbres de la plaine
> Et la cornette blanche au front des coteaux verts.
>
> Certe ils n'ont pas compris les musiques divines
> Eternelle nature, aux frémissantes voix.
> Ceux qui ne vont pas seuls par les creuses ravines
> Et rêvent d'une femme au bruit que font les bois.

Esperava exprobrações. Ella murmurou: «Como isso é verdadeiro!» Fiquei estupefacto. Teria comprehendido?

O nosso barco parou de repente. Enlacei a cintura da minha companheira, e, suavemente, quiz beijal-a na nuca. Ella repelliu-me com um gesto brusco e atirou-me ás faces o epitheto de material. Em seguida, accrescentou com expressão maliciosa:

«Já esqueceu os versos que acaba de recitar-me?»

Era justo. Calei-me.

A minha companheira mandou-me remar, e eu comecei a achar a noite muito comprida e a minha attitude muito ridicula.

«Promette-me uma cousa?»

«Prometto».

«Desejo deitar-me no fundo do barco, ao seu lado, olhando para as estrellas.»

«Seja!»

«Mas prohibo-lhe que me toque, que me acaricie.»

Respondi affirmativamente.

«Se faltar á sua promessa, volveu ella, metto o barco no fundo.»

Deitámo-nos ao lado um do outro, os olhos cravados no céo, vogando á flôr da agua. Os balanços do bote embalavam-nos. Os ligeiros ruidos da noite chegavam-nos agora mais distinctamente no fundo da embarcação, e, por vezes, faziam-nos estremecer.

Sentia tomar posse do meu ser uma estranha e pungente commoção, um enternecimento infinito, como que a imperiosa necessidade de abrir os braços e o coração para amar, de me dar, de entregar a alguem os meus pensamentos, o meu corpo, a minha vida.

A minha companheira murmurou, como se estivesse sonhando: «Onde estamos? Onde vamos? Parece que me afasto da terra. Como é bom!... Oh! se me amasse... um pouco!»

O meu coração batia acelerado.

Não pude responder; pareceu-me que a amava. Não experimentava nenhum desejo violento. Estava assim bem, ao lado d'ella, e isso me bastava.

Ficámos longo tempo silenciosos, as mãos enlaçadas, dominados por uma força desconhecida e superior, especie de Alliança intima, absoluta e casta, dos nossos seres, que se pertenciam sem se tocarem! O que era isto?

Seria amor?

O dia nascia pouco a pouco. Eram tres horas da madrugada. Lentamente, uma grande claridade invadia o céo.

Levantei-me e fiquei extasiado. O horisonte tingira-se de todas as cores do iris. O rio parecia de purpura.

Curvei-me para a minha companheira. Ia dizer-lhe: «Repare!» Mas a palavra emmudeceu-me nos labios, suspensa pelo assombro.

Ella nadava em um fluido côr de rosa, o rosado da carne sobre a qual houvesse cahido um pouco da côr do céo.

Os seus cabellos côr de rosa, os seus olhos côr de rosa, os seus dentes côr de rosa, o seu vestido, as suas rendas, o seu sorriso, tudo côr de rosa! Julguei, na minha embriaguez, que a aurora descerado horisonte.

Ella ergueu-se suavemente, offerecendo-me a fronte: palpitante, ebrio de felicidade, senti que ia beijar o céo, beijar o sonho metamorphoseado em mulher, beijar o ideal modelado na carne humana.

A minha companheira disse-me:

«Tem uma lagarta no cabello!» Era por isso que ella se rira.

Pareceu-me que me haviam decepado a cabeça. Uma tristeza funebre invadiu-me, como se a esperança se apagasse para sempre na minha vida.

E' tudo, minha senhora.

E' pueril, absurdo, estupido. Mas desde esse dia, tenho a convicção de que não amarei nunca.

ESMERALDA.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso............	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA